Travessia pelo avesso

Tânia Dias Jordão

Resumo:

Cotejando *A Paixão Segundo G.H.* com a Bíblia, mostra-se que G.H. vive sua Paixão como uma experiência mística oposta à Paixão de Cristo. Esta se dá porque o Filho de Deus assume nossa humanidade, aquela se apresenta como avesso da paixão bíblica: G.H faz sua travessia perdendo a própria humanidade.

Palavras-chaves: Bíblia, G.H., paixão, transtextualidade, travessia.

Em seu quinto romance, escrito em 1964, Clarice Lispector nos apresenta uma escultora amadora que vive sozinha em um apartamento de cobertura, no Rio de Janeiro, e que se ocupa em futilidades até que Janair, sua empregada, se despede. Então, essa mulher volúvel, que sequer se lembra do rosto de Janair, que estivera ali por seis meses, resolve arrumar a própria casa, começando pelo quarto da empregada que imagina estar imundo, repleto de trastes. Inicia, à mesa do café da manhã, sua jornada que a desagregará por inteiro.

G.H., a personagem, faz longa travessia. Começa seu processo atravessando um corredor escuro, atravessando e entrando por uma porta que se abre para um "quadrilátero de branca luz", atravessando – e entrando – no quarto-minarete guardado por três "múmias", desenhadas a carvão em uma das paredes do quarto; atravessando, e entrando, por uma porta de armário que guardava um bafo quente e escuridão; atravessando (e entrando!) por uma barata – "A passagem estreita fora pela barata difícil" (PSGH, 43, em transposição de Mt 7,13-14.) – que sai do armário, último de seus sucessivos sustos, que faz seu coração embranquecer como cabelos embranquecem (PSGH, 31); atravessando e entrando em sua própria vida, até então vivida tão superficialmente, já que "viver não é vivível" e "viver a vida em vez de viver a própria vida é proibido" (PSGH, 92).

G.H., a narradora, faz longa travessia. Atravessa (e entra) pela linguagem, na mudez. Essa travessia se faz pelo deserto, no silêncio místico onde é possível o encontro pleno com o Outro. Fazer a travessia pelo deserto, em busca, é o que faz o Povo de Israel ao sair do Egito. A travessia, a passagem: Páscoa judaica. A Nova Páscoa também é passagem, claro! Travessia da morte para a vida: Paixão e Ressurreição de Cristo.

A autora, brasileira naturalizada, é judia e nasceu na Ucrânia quando a família fugia para o Brasil, em 1920. Ainda que tenha declarado durante toda a sua vida que sua primeira língua tenha sido a língua portuguesa, sua forma de escrever (e

possivelmente de pensar, claro!) é semita, construída sobre repetições, paradoxos, dualidades, tal qual observamos na literatura bíblica. Na verdade, Clarice, como G.H., faz longa travessia... Passa da Bíblia para o romance a experiência da Paixão, do esvaziamento.

A Paixão de Cristo se inicia quando Ele assume nossa humanidade, quando se faz carne – para usar um termo joanino. Deixa a divindade e se faz Homem, assume a condição humana até o extremo, extremo de amor: entrega a vida. Sua Paixão é narrada nos quatro Evangelhos e referida nos demais livros do Novo Testamento. Conhecemos a Paixão de Cristo *segundo* Mateus, Marcos, Lucas e João.

A Paixão segundo G.H., por sua vez, é narrada por quem a experimentou. G.H., protótipo do Gênero Humano, deixa a própria humanidade e se nadifica. Essa é a Paixão: um esvaziamento semelhante ao vivido pelo Filho de Deus, construído às avessas.

Parecem ser duas as paixões vividas por G.H.: a sofrida experiência de deseroização e a não menos dura experiência de narrar o que viveu. Mas, para Clarice, palavra e ação se correspondem, se mesclam; aliás, tal qual na própria literatura sagrada, hipotexto desse romance: Desde a primeira página da Bíblia vemos a força da palavra que é, a um só tempo, palavra e ação. "Deus disse: 'Haja luz' e houve luz" (Gn 1,3). Portanto, o que Clarice inaugura já com *Perto do coração selvagem* é também uma forma de continuidade com a tradição bíblica, cuja relação palavra que corresponda à ação se dá continuamente, como marca de conversão, de cura, de transformação, enfim.

O romance está mesmo unido à Bíblia como um hipertexto desta. Em algum momento essa derivação é de ordem descritiva e intelectual, no qual um metatexto evoca explicitamente seu hipotexto, como se pode ver, por exemplo, quando a personagem infringe a interdição hebraica de tocar no imundo, no impuro, e comenta que conhece a proibição bíblica (PSGH, p. 46-47; Lv, 11); quando fala do maná do deserto (PSGH, p. 67; Êx, 16) ou se refere ao paraíso, ao Éden (PSGH, p. 63; Gn, 2), dentre tantíssimos outros exemplos. Em outros trechos simplesmente se pode perceber que resulta daquele texto anterior, sem se referir claramente a ele. Há, ainda, a própria forma discursiva de inflexão teológica em todo o solilóquio de G.H., com o tom confessional de uma penitente.

Quase se poderia dizer que há uma tradução poética ou literária aqui (ao menos em alguns trechos), também denominada, por Haroldo de Campos, recriação, transcriação ou transposição criativa. Tal operação consiste em, mantendo-se o perfil sensível da mensagem, transcriá-la noutra língua; ou na mesma, passando, por exemplo, de uma linguagem arcaica a uma atual. Para isto, é preciso que o signo seja traduzido não só quanto ao seu significado, mas quanto à sua iconicidade específica, podendo se dar, em alguns casos, uma adaptação, interpretação ou até exegese da obra literária (CAMPOS, 1980). Obviamente, para fazer uma tradução assim, o tradutor tem que ser criativo e dominar elementos da criação poética, o que, certamente, não falta à Clarice Lispector.

Historicamente a tradução remonta à Hermenêutica, em que se intentava interpretar a vontade dos deuses; depois, aos textos sagrados, transpondo-os de uma língua e cultura a outra (como o código de Hamurab, transcriado na Torá judaica); depois, ainda, os próprios hebreus na primeira diáspora, em Alexandria, traduziram do

hebraico/ aramaico grande parte do Antigo Testamento para o grego. Hoje é comum encontrar traduções de textos antigos em línguas vernáculas. Dá-se também comumente a apropriação de categorias, temas e mesmo trechos tomados de textos sagrados, muitas vezes culturalmente assimilados, em poéticas modernas e pós-modernas, através de transposições criativas.

Não seria esse o caso dessa inquietante obra de Clarice Lispector? Ao longo de *A Paixão segundo G.H.*, a autora substitui o discurso bíblico por outro, remetendo o leitor ao texto de partida seja através de analogias, como a que se dá entre a paixão humana e a paixão de Cristo, seja através da linguagem, pela categoria semita da passagem – que se dá em um deserto -, seja pela experiência da protagonista que ascende ao misticismo através da descida às profundezas do seu inconsciente, ou ainda pelos travestimentos, como naqueles que desconstrói a prece Ave Maria, originariamente feita através de versículos bíblicos.

Essa se apresenta como uma de suas transposições mais expressivas, ainda que apareça fragmentada ao longo do texto. A oração Ave Maria é constituída de duas partes: A primeira é uma junção de dois versículos bíblicos, saudação do anjo Gabriel: "Alegra-te (ave), [Maria,] cheia de graça, o Senhor está contigo" (Lc 1,28) acrescida da exclamação de Isabel: "Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto de teu ventre!" (Lc 1, 42). A segunda parte é uma súplica dos fiéis: "Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores agora e na hora de nossa morte. Amém!" Como é comum aos cristãos que rezam a Ave Maria dirigirem-se à mãe de Jesus com a expressão "minha mãe", também ela será retomada aqui como um travestimento.

> **Santa Maria, mãe de Deus**, ofereço-vos a minha vida em troca de não ser verdade aquele momento de ontem (PSGH, 50).
>
> [...] e eu também sabia que **na hora de minha morte** eu também não seria traduzível por palavra (PSGH, 51).
>
> Reza por mim, minha mãe, pois não transcender é um sacrifício (PSGH, 54).
>
> O que sai da barata é: "hoje", **bendito o fruto de teu ventre** [...] porque, minha mãe, eu me habituei [...] (PSGH, 55).
>
> – Mãe: matei uma vida, e não há braços que me recebam **agora e na hora** do nosso deserto, **amém**. Mãe, tudo agora tornou-se de ouro duro. Interrompi uma coisa organizada, mãe, e isso é pior que matar, isso me fez entrar por uma brecha [...] estou com medo de minha rouquidão, mãe.
>
> – A barata é de verdade, mãe.
>
> – Mãe, eu só fiz querer matar, mas olha o que quebrei: quebrei um invólucro! [...] De dentro do invólucro está saindo um coração grosso e branco e vivo como pus, mãe, **bendita sois entre as** baratas, agora e na **hora** desta tua **minha morte**, barata e jóia (PSGH, p. 61. grifo meu).

Obviamente, não temos em *A Paixão segundo G.H.* um exemplo de tradução da Bíblia, o livro, ou melhor, a coleção de livros, como o próprio nome diz (já que se constitui de 73 livros), mais traduzida do mundo; não obstante, está claro que nesse

romance a autora usa a Bíblia transtextualmente, com muita liberdade e criatividade, como se faz necessário em se tratando de uma criação literária que toca, de perto, a tradução poética. Porém *é*, certamente, em todos os sentidos, plena travessia... Ora, etimologicamente, "tradução" remonta à travessia.

A interlocução entre as obras (*Bíblia sagrada* e *A Paixão segundo G.H.*), portanto, parte da transposição de categorias de uma para a outra e até da transcriação de ritos cristãos, como é o caso da própria Eucaristia. Isso se dá quase sempre através da linguagem repetitiva, tipicamente bíblica.

"Manifestar o inexpressivo é criar" (PSGH, 15), diz-nos G.H. Percebe que a missão secreta de sua vida é, humildemente, assumir a própria mudez. "É exatamente através do malogro da voz que se vai pela primeira vez ouvir a própria mudez e a dos outros e a das coisas, e aceitá-la como a possível linguagem" (PSGH, 112). Ela traça uma trajetória ascética, enquanto relata sua própria *travessia*... Esvaziamento tanto da própria identidade quanto da identidade da narrativa, já que a mudez busca a narradora. Experiência mística, às avessas. Silêncio!

Silêncio como figura do deserto – espaço da re-velação. O deserto é o lugar por excelência da experiência mística. Para os místicos, só através do silêncio, do ser-se deserto, é que se dá a purificação dos sentidos e da inteligência, a fim de tornar a alma receptiva à graça divina e pronta a ser habitada por Deus. Quem segue o caminho da ascese, conforme testemunham santa Teresa D'Ávila, são João da Cruz, mestre Eckardt e santo Inácio de Loyola, experimenta o desprendimento do próprio Eu, para favorecer o encontro da Alma com o Absoluto.

G.H. vive essa fase, que é a do deleite abismal, a qual os místicos cristãos procuram ultrapassar. Todavia, não a vive no plano do divino, mas no da coisa em si, informe, caótica. Em oposição ao refrigério da visão beatífica buscada pelos santos. O que se manifesta para G.H. é um êxtase orgíaco, frenesi de magia negra, alegria de Sabath, que consiste na alegria de se perder.

"Eu chegara ao nada e o nada era vivo e úmido" (PSGH, 41). Convergência de todas as coisas, esse nada é o lugar do contraste extremo: inferno/paraíso. G.H. chegara à plena imanência na qual o Deus – assim mesmo, precedido com o artigo – e o "eu" e o mundo são uma só realidade.

E então é que Clarice Lispector faz sua personagem experimentar a paixão – com toda a carga semântica que "experimentar" traz, relativa ao saber e ao sabor, já que põe na boca a massa branca da barata. E a experimenta sadicamente, até o extremo. Mas em oposição a Cristo que vive a paixão porque chega ao extremo do amor (Jo 13,1), G.H. defronta-se com a vida na sua totalidade, esgotada, que já nem é vida, é morte. Então torna-se possível "o apreender *a vida em si*, na sua imanência, com horror e encantamento", não o transcender, porque "a transcendência é uma transgressão" (PSGH, 54).

No entanto, G.H. não porta um nome. A própria ausência do nome insinua-se como busca de sua identidade. G.H., protótipo do gênero humano em eterna busca de si próprio... em busca de sua condição humana. Ao deseroizar-se, reencontrar-se-ia.

Assim, *A Paixão segundo G.H.* sintetiza o sentido místico dessa mulher comum em paralelo à Paixão do Homem por excelência. É o sofrimento de buscar a própria identidade e, depois, de narrar a busca feita que culmina desistência, ápice da re-velação.

É como se G.H. "subisse para baixo", ou seja, para alçar o cume da própria existência, experimenta a descida abismal ao inferno de si própria. Isso é a Paixão! O Filho de Deus também passou pela *descese* abismal. Deixou a glória (Jo 1,1) e se fez homem na sua condição de fraqueza e mortalidade (Jo 1,14), se fez servo, o último de todos (Jo 13,3-16), se entregou à morte (Jo 18,1 – 19,37).

"Uma das provas da coisa é o peso: só voa o que tem peso. E só cai — o meteorito celeste — o que tem peso" (PSGH, 92). Absorta sentindo o peso das coisas – e igualada às coisas -, toda ausente, G.H. conclui: "E só cai [...] o que tem peso"! Mas ela não quer perder a sua humanidade – "ah, perdê-la dói, meu amor" (PSGH, 92); no entanto sabe que precisa passar para a outra margem, fazer a travessia do próprio "martírio humano" (PSGH, 85), "ver a humanização por dentro". Cair!

"A deseroização é o grande fracasso de uma vida. Nem todos chegam a fracassar porque é tão trabalhoso, é preciso antes subir penosamente até enfim atingir a altura de poder cair" (PSGH, 112). De fato, ocorre aí a despersonalização de G.H. "A despersonalização como a grande objetivação de si mesmo" (PSGH, 112). Diante da barata partida ao meio que dá náuseas, e que acabará por comungar sacrilegamente, dá-se a transformação interior da personagem, o desapossamento de sua alma.

Tal qual no êxtase místico, G.H. percorre, até o seu regresso ao mundo humano do qual saíra, uma gama de sentimentos contraditórios: "havia chamado de alegria o meu mais profundo sofrimento"; "eu havia oferecido o meu inferno a Deus. O meu soluço fizera – de meu terrível prazer e de minha festa ¾ uma dor nova"; sentimentos extremos que são estágios e figura da vida espiritual: "eu me perguntava se estava fugindo para um Deus por não suportar minha humanidade"; "entendia eu que aquilo que eu experimentara, aquele núcleo de rapacidade infernal, era o que se chama de amor?" (PSGH, 85). A repugnância à matéria viva, neutra, pré-humana e divina, proporciona-lhe a "alegria de perder-se", e mesmo a dor infernal é-lhe indiferente, e tem o efeito consolador de um paraíso.

O próprio tema "paixão" tem sua fundamentação na linguagem contraditória. Lida de um ângulo cristão, a paixão leva indubitavelmente à ressurreição. A vida nova supõe o abandono completo até a morte, fracasso total. Também no romance de Clarice, o que se consegue ver em G.H. é seu fracasso.

O ideal de G.H. é recusar a transcendência, substitui-la pela imanência. Para isso ela rouba "a morte do Rei" (PSGH, 83), no silêncio de um deserto em que há "só o braseiro, só o vento errante" e para ela "nenhum cantil de água, nenhuma vasilha de comida". Nesse lugar de jejum e morte, no entanto, pensa que pode achar um tesouro, se souber esperar: "Um cálice de ouro?" (PSGH, 70). Mas dentro do reverso da experiência mística que vive, o tesouro que conseguirá para guardar em seu escrínio, em seu sacrário – em vez do Santo Graal, do cálice usado por Jesus na última ceia – será um amontoado de coisas.

> Desde a pré-história eu havia começado a minha marcha pelo deserto, e sem estrela para me guiar, só a perdição me guiando, só o descaminho me guiando- até que **morta pelo êxtase do cansaço, iluminada de paixão**, eu enfim encontrara o escrínio. **E no escrínio, a faiscar de glória, o segredo escondido**. [...] Dentro do escrínio o segredo:
> Um pedaço de coisa.
> Um pedaço de ferro, uma antena de barata, uma caliça de parede.

> Minha exaustão **se prostrava aos pés do pedaço de coisa, adorando infernalmente**. (Uma "caliça", não o cálice esperado. PSGH, 88, grifo meu.)

E como o Rei crucificado, que deu a vida livremente (Jo 10,17-18), G.H. afirma: "para ter esse segredo [...] de novo eu daria a minha vida". [...] "A mim me fora dado demais. Que faria eu com o que me fora dado? 'Que não se dê aos cães a coisa santa'." (PSGH, 89). Essas palavras bíblicas, recordadas pela narradora, no contexto do Evangelho de Mateus (7,6) podem se referir à Eucaristia, que não deve ser dada aos indignos dela.

Portanto, o percurso místico vivido às avessas por G.H. reverte de seu sentido o sinal maior do cristianismo, o sacramento da Eucaristia, símbolo da Paixão de Cristo, celebrada, liturgicamente, em sua memória. Paixão da personagem atravessando paixão do discurso e sendo atravessada por ela.

Dentro das contradições de sua escrita, já no prólogo "a possíveis leitores" de *A Paixão segundo G.H.*, Clarice propicia reflexão àquelas "pessoas de alma já formada, que sabem que a aproximação, do que quer que seja, se faz gradualmente e penosamente **– atravessando inclusive o oposto daquilo que se vai aproximar**" (grifo meu). E não há mesmo outra forma de entrar nesse percurso com sua personagem senão gradualmente e com muita dor, vivendo também a paradoxal paixão: o que supõe travessia do "oposto daquilo que se vai aproximar". Portanto, além da paixão de G.H., o leitor "de alma já formada" também é convidado a viver a paixão. Ele é o "tu" que dá a mão à narradora; é também um dos "outros" do relato.

Paixão é travessia. Dá-se na experiência de retirar as camadas que cobrem, os véus que envolvem o ser a fim de se ter a revelação plena. É ontologia. G.H., ao renunciar à sua vida mesquinha, "a sinceridade só não me levaria a vangloriar da mesquinhez" (PSGH, 19), abre-se, pode então se identificar com todo ser. Assim, a imanência, desejo último da protagonista, reverte-se de novo em transcendência sem que ela própria se dê conta.

A paixão de Cristo **é** a humanidade. A sua humanidade assumida, verbo encarnado. Viver nossa condição é a paixão, paixão de Cristo.

"A **via-crucis** não é um descaminho, é a **passagem única**, não se chega senão através dela e com ela" (PSGH, 113; grifo meu). A isto G.H. chama paixão: "E é aceita a nossa condição como a única possível, já que ela é o que existe, e não outra. E já que vivê-la é a nossa paixão. **A condição humana é a paixão de Cristo**" (PSGH, 112; grifo meu).

Résumé

> En comparant *La Passion selon G.H.* avec la Bible, on montre que G.H. vit sa Passion comme une expérience mystique opposée à celle du Christ lui-même. Si celle-si s'accomplit parce que le Fils de Dieu assume notre humanité, G.H fait sa traversée en perdant sa propre humanité.

Mots-clés: Bible, G.H., passion, transtextualité, traversée.

Referências

A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1989.

CAMPOS, Haroldo. *Deus e o Diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos:* a literatura de segunda mão. Trad. Luciene Guimarães, [2003?].

KANAAN, Dany Al-Behy. *À escuta de Clarice Lispector:* do biográfico ao literário. São Paulo: Educ; Limiar, 2003.

LISPECTOR, Clarice. *A Paixão segundo G.H.* Florianópolis: Ed. UFSC, 1988.